

## O PARTO DE CHRISTINE: O EXERCÍCIO DO DIÁLOGO RETÓRICO COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO LIVRO *A CIDADE DAS DAMAS* (1405), DE CHRISTINE DE PIZAN

### The Christine's Parturition: the exercise of rhetoric dialogue as construction of knowledge in the book *The City of Ladies* (1405), by Christine de Pizan

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)  
Docente da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e  
Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba  
Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa (UNL-CAPES)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-102X>  
E-mail: [lucianaeleonora@yahoo.com.br](mailto:lucianaeleonora@yahoo.com.br)

Recebido em: 15/07/2020  
Aprovado em: 17/09/2020

**Resumo :** Multiplicam-se a cada ano as publicações sobre o *Livro da Cidade das Damas* (1405), a obra mais célebre de Christine de Pizan. Um dos temas abordados na obra é o da Educação; também presente em outros escritos da autora, como *Le Livre des trois vertus, Enseignements et proverbes moraux*. Em *A Cidade das Damas*, o processo ensino aprendizagem merece uma especial atenção, na medida em que se apresenta não apenas enquanto temática, mas ainda como elemento estruturante da narrativa. O enredo se desenvolve através de diálogos entre a narradora/protagonista Christine e as personagens alegóricas Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça. Pretendemos, neste artigo, abordar o papel do diálogo na obra *A Cidade das Damas*, compreendendo-o como instrumento pedagógico no processo de gestação do conhecimento/verdade. A nossa análise consistirá em relacionar o diálogo estabelecido entre as três Mestras/Virtudes e a aprendiz/ Christine à arte maiêutica, proposta por Sócrates e seu método de auxiliar no trabalho de parto do conhecimento, apresentado nos *Diálogos* de Platão. Na senda da metáfora socrática, buscaremos identificar na obra de Pizan as duas etapas que auxiliam na condução do parto de Christine, empregadas pelas Damas/parteiras: a indução à dúvida acerca de um determinado conhecimento; e o estímulo a pensar a partir do seu próprio conhecimento e experiência.

**Palavras-chave:** *A Cidade das Damas*; Educação; Maiêutica; Christine de Pizan

**Abstract :** Every year, publications on *The Book of the City of Ladies* (1405), the most celebrated work by Christine de Pizan, multiply. One of the themes addressed in the work is Education; also present in other writings of the author, such as *Le Livre des trois vertus, Enseignements et proverbes moraux*. In *The Book of the City of Ladies*, the teaching-learning process deserves special attention, as it presents itself not only as thematic, but still as a structuring element of the narrative. The plot is developed through dialogues between the narrator / protagonist Christine and the allegorical characters Lady Reason, Lady Righteousness and Lady Justice. We intend, in this article, to approach the role of dialogue in the work *The Book of the City of Ladies*, understanding it as a pedagogical tool in the process of knowledge / truth management. Our analysis will consist of relating the dialogue established between the three Masters / Virtues and the apprentice / Christine to the maieutic art, proposed by Socrates and his method of assisting in the labor of knowledge, presented in Plato's Dialogues. In the path of the Socratic metaphor, we will seek to identify in the work of Pizan the two stages that assist in the conduct of Christine's delivery, employed by the ladies / midwives: inducing doubt about a certain knowledge; and the incentive to think from one's own knowledge and experience.

**Key-words:** *The Book of the City of Ladies*; Education; Maieutics; Christine de Pizan

## Introdução

O interesse por Christine de Pizan e por suas obras na atualidade são ricos e multifacetados, porém data de longe as pesquisas, as biografias sobre essa ilustre escritora da Idade Média. São várias as referências de intelectuais e literatos à sua obra, desde o fim da Idade Média. No século XVIII, podemos citar pelo menos dois trabalhos pioneiros sobre a autora. Em 1717, destaca-se o trabalho de Jean Boivin de Villeneuve, considerado o primeiro biógrafo da escritora, autor de *Vie de Christine de Pisan et de Thomas de Pisan, son père dans les Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, t.II, p.762-774 (SOLENTE, 1929, p. 350). O outro relevante trabalho é a publicação, em 1787, de várias obras de Christine de Pizan na *Coleção das melhores obras francesas compostas por mulheres*, sob a iniciativa da escritora Louise-Félicité de Kéralio, considerada sua primeira editora.

Em 1838, o historiador Raymond Thomassy publica o *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pizan: suivi d'une notice littéraire et de pièces inédites*, no qual apresenta um estudo denso e aprofundado sobre a vida de Pizan, enfatizando o valor de sua obra, sua importância no plano político na França e o reconhecimento da escritora por seus pares intelectuais ainda da Idade Média. Na introdução de seu trabalho, Thomassy (1858, p. II) ressalta o interesse que as obras de Pizan despertaram no tratadista e bibliotecário Gabriel Naudé, no século XVII: “como seria muito extenso de lembrar aqui tudo o que eles disseram a seu louvor, basta um único testemunho e sobretudo de maior competência, pois pertence a um dos melhores críticos, ao famoso bibliógrafo Gabriel Naudé.”<sup>1</sup>.

Assim como Naudé, vários enciclopedistas e tratadistas célebres escreveram verbetes sobre Christine de Pizan no século XVII e XVIII. A estudiosa Susanne Solente (1929) destaca ainda o trabalho de P. Pougin, intitulado *Christine de Pisan, sa vie et ses oeuvres*, publicado em 1856, e vários outros artigos em francês, alemão, inglês que foram publicados do final do século XIX às primeiras décadas do século XX. Nesse período, são conhecidas as teses de doutorado de Rose Rigaud, defendida em 1911, intitulada “Les idées féministes de Christine de Pizan”, e da pesquisadora Susanne Solente, defendida em 1921, sob o título de “Introduction historique à l'édition du *Livre des fais et bonnes moeurs du sage roy Charles V* de Christine de Pisan”, bem como a edição crítica do *Livre des trois vertus*, elaborada por Mathilde Laigle, em 1912. Em todas essas publicações, as autoras traçam a biografia de Pizan.

Intensificou-se, nas décadas seguintes, o interesse sobre a vida dessa autora no âmbito de pesquisas voltadas aos movimentos de emancipação da condição feminina na França. Em *O Segundo Sexo* (1949), a feminista Simone de Beauvoir cita Pizan como sendo a pioneira na discussão que resultou no movimento conhecido como “*Querelle des femmes*”:

Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender o seu sexo; Christine de Pisan ataca vivamente os clérigos em *L'Épître au Dieu d'amour*. Alguns clérigos, imediatamente, se levantam para defender Jean de Meung; mas Gerson, guarda-selos da Universidade de Paris, apoia Christine; redige, em francês, seu tratado a fim de alcançar um público mais amplo. [...] E Christine intervém de novo. [...] (BEAUVOIR, 1970, p.132)

Mas, é sobretudo nas últimas décadas do século passado que eclodem os estudos, edições e traduções das obras de Christine de Pizan, não só na França, mas em várias partes do mundo<sup>2</sup>. A obra *La Cité des Dames*, objeto deste artigo, por exemplo, recebeu várias traduções e edições críticas, entre a década de 1970 e 1990<sup>3</sup>.

Entre os anos 2002 e 2006, no âmbito de uma tese de doutorado, elaboramos um estudo sobre *A Cidade das Damas*, acompanhado da tradução para o português do Brasil, que foi publicada em 2012 pela Editora Mulheres. Uma parte do trabalho de tese foi desenvolvida na França, sob a orientação do medievalista Claude Roussel, e nos permitiu ter acesso ao manuscrito 607, da Biblioteca Nacional da França (BNF), bem como à transcrição dele por Maurren Curnow, em 1979. Neste período também tivemos oportunidade de participar de colóquios internacionais organizados pela *Société Christine de Pizan*, apresentar nossa pesquisa e conhecer pesquisadores e tradutores da obra da autora, como a italiana Patrizia Caraffi.

Em 2007, criamos o *Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais*, vinculado ao CNPq, e posteriormente resolvemos nominá-lo *Grupo Christine de Pizan*, em 2013, em decorrência das principais pesquisas desenvolvidas no grupo. Sob nossa coordenação, o grupo tem sede na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em colaboração com a Universidade de Brasília (UnB), sob a vice-liderança da prof<sup>a</sup>. Cláudia Brochado. Através de parcerias com pesquisadoras de várias instituições brasileiras e estrangeiras, já foram publicadas coletâneas, realizados eventos, minicursos e várias orientações de trabalhos sobre Christine de Pizan, nas áreas de Letras, Filosofia e História. No departamento de Filosofia da UnB, por exemplo, a professora Ana Miriam Wuesnch, integrante do grupo desde a sua fundação, ministra a disciplina anual sobre a obra *A Cidade das Damas*, e vem orientando dezenas de trabalhos sobre a escritora, que em 2021 serão publicados no periódico *Das Questões*, da UnB.

A fim de estimular os estudos sobre essa intelectual, o *Grupo Christine de Pizan* vem promovendo desde 2008, o *Seminário de Estudos Medievais na Paraíba*, com foco na sua obra e nos escritos de mulheres da Idade Média. Há três anos, adaptamos para o teatro a nossa tradução de *A Cidade das Damas*, e desde então foi apresentada em performance em alguns eventos. Do envolvimento do grupo, novas pesquisas e parcerias surgiram, no Brasil e no exterior. Desde 2016, organizamos na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), a cada três anos, um evento chamado *Primaveras Medievais*, cujo tema é *Christine de Pizan e outras Vozes Femininas da Idade Média*. A próxima edição das Primaveras está marcada para 2022.

Também na UFPB, temos ministrado disciplinas e minicursos sobre *A Cidade das Damas* e a “Querelle des Femmes”, bem como orientado pesquisa de mestrado e doutorado sobre escritoras medievais. Sobre Christine de Pizan, orientamos duas dissertações intituladas: *Traduzindo le ditié de Jeanne D'arc de Christine de Pizan: uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média*, de Nathalya Ribeiro, defendida em 2016, e *Uma análise da educação feminina em O Livro das Três Virtudes a insinância das Damas de Christine de Pizan*, defendida em 2019, por Gizelda Ferreira do Nascimento.

Para além das iniciativas do *Grupo Christine de Pizan*, é importante ressaltar o vigor dos estudos christinianos no Brasil, nas últimas décadas. A cada ano se multiplicam as pesquisas em nível da graduação e de pós-graduação. Em 2008, por exemplo, a pesquisadora Lucimara Leite defendeu sua tese de Doutorado sobre Christine de Pizan, na área de Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São

Paulo (USP) em co-tutela com Sorbonne Paris IV. Em 2015, Leite publicou o livro *Christine de Pizan, uma resistência*. No âmbito de um pós-doc, na Universidade de Lisboa, elaborou uma transcrição dos tipos góticos do livro *O espelho de Cristina* (1518) e três capítulos da sua transcrição foram publicados na *Signum*, Revista da ABREM - Associação Brasileira de Estudos Medievais, em 2014.

Vários membros da ABREM orientaram ou estão orientando trabalhos sobre a obra de Christine de Pizan. Destacamos, entre outros, três trabalhos de final de curso, orientados este ano pelo prof. Luciano Vianna, do Departamento de História da Universidade de Pernambuco (UPE); uma tese de doutorado, de 2018, orientada pelo prof. Álvaro Bragança, na área de História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); uma dissertação de mestrado sobre o *Livre des fais d'armes et chevalerie*, que está sendo orientada pela prof<sup>a</sup> Aline Dias da Silveira, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como trabalhos de final de curso e pesquisas de iniciação científica, na área de História, vinculadas ao Grupo *Meridianum*, sob sua coordenação. Também na UFSC, merecem destaque os trabalhos das pesquisadoras do Grupo *Germina*, coordenado pela prof<sup>a</sup> Janyne Sattler, como Camila Kulkamp (2019, 2020).

Atualmente no Brasil, vários artigos em periódicos científicos e capítulos de livros sobre Christine de Pizan podem ser encontrados. Citamos, por exemplo, as publicações de Mônica Karawejczyk (2007, 2011, 2017), Christiane Neri (2013), Pedro Louzada (2011, 2013, 2020, 2020b), Elizabeth Abrantes (2015), Mariana Bonat Trevisan (2016), Anna Santos (2014, 2018), Ana Miriam Wuensch (2013, 2015, 2018), Luciana Calado Deplagne (2007, 2011, 2013, 2015, 2019, 2019b), Janyne Sattler (2018), Ana Rieger Schmidt (2018), Lucimara Leite (2011, 2014, 2018).

Na área dos estudos feministas e de gênero, destacamos três verbetes sobre Christine de Pizan. O primeiro, de nossa autoria, foi publicado em 2015, no *Dicionário crítico de gênero*, organizado pelos professores Ana Colling e Losandro Tedeschi; o segundo, publicado em 2020, foi elaborado pela pesquisadora da UFRGS, Ana Rieger Schmidt, no âmbito das iniciativas do site *Mulheres na Filosofia*, vinculado à *Rede Brasileira de Mulheres filósofas*. O terceiro verbete, também redigido por nós, foi publicado recentemente, dedicado à Christine no *Dicionário: cem fragmentos biográficos*, organizado pelos docentes Guilherme Queiroz de Souza e Renata Cristina Nascimento.

Esses são apenas alguns exemplos não exaustivos da ampla gama de estudos que existem no Brasil sobre o papel dessa importante escritora no medievo e sua relação com os nossos dias.<sup>4</sup> Esta apresentação sobre o percurso de Christine na Contemporaneidade visa mostrar o quanto essa mulher foi importante tanto na sua época, o século XV, como o quanto ainda é relevante fazer investigações acerca dos seus escritos.

## 1. Introduzindo *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan

Damos, a seguir a voz a própria Christine, numa passagem de *A Cidade das Damas*:

*Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no braço da poltrona, quando **repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz**, como se fosse um raio de sol penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora; então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquela claridade, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. (Pizan, A Cidade das damas, cap. I)<sup>5</sup>*

O excerto que serve de epígrafe ao presente artigo foi retirado do primeiro capítulo do livro *A Cidade das Damas*, escrito no século XV por Christine de Pizan. O fragmento corresponde ao momento da narrativa em que três personagens alegóricas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça entram no quarto de estudo da narradora/protagonista Christine para consolá-la, diante de seu desespero e tristeza após a leitura de obras misóginas, em particular, o tratado misógino, intitulado *As lamentações de Mateolo*, de Mathieu de Boulogne. Esta passagem recebeu uma especial atenção no manuscrito da Biblioteca Real da Bélgica, cuja iluminura apresentada a seguir põe em cena o desolador semblante da protagonista Christine e o cenário sombrio do célebre quarto de estudos referido com frequência em outros manuscritos da autora (figura 1):



Figura 1 : Iluminura de *Le Livre de la Cité des Dames*.  
Christine de Pizan e as três Damas alegóricas.  
Brussels, Bibliothèque Royale, Ms. 9235, f° 5

Na iluminura, o tom sombrio do quarto de estudos fechado matiza o estado da protagonista de inconsciência e de alienação após suas leituras, enquanto a posição das damas, em particular a primeira (Dama Razão) que lhe estende a mão, sugere disposição em ajudá-la a sair da clausura metafórica da ignorância. O trecho em destaque na epígrafe: “*vi cair no meu colo um feixe de luz*” pode servir de elemento metonímico da própria obra, pois a luz da sabedoria advinda das damas naquele recinto escuro associa-se ao processo de iluminação que o livro de Pizan se propôs a desencadear em uma sociedade particularmente misógina como ficaram caracterizados os últimos séculos da Idade Média.

Vale lembrar que a vinda das Damas alegóricas até Christine tem o propósito de convocá-la a construir uma cidade fortaleza com sua ajuda. Esta alegórica e utópica cidade deveria ser fundada em um campo fértil e rico, no “Campo das Letras”, com o objetivo de ser, não apenas um refúgio para as mulheres, mas uma verdadeira fortaleza contra as injúrias presentes nos escritos de autoria masculina com base misógina ao longo dos séculos. A cidade é levantada ao longo da narrativa através de fundações firmes, cujos tijolos correspondem a histórias de mulheres relevantes, por algum tipo de virtude, seja pela força física, seja pela inteligência, seja pela arte, pela retidão de caráter etc.

As pequenas crônicas narradas pelas três Damas em forma de diálogos com Christine atuam na desconstrução de um pensamento equivocado acerca do gênero feminino, ao qual se atribuíam os mais diversificados defeitos de caráter. Tais diálogos desempenham, portanto, um papel crucial na estruturação da obra, e constituem um instrumento pedagógico no processo de conhecimento e reconhecimento que leva a personagem Christine a sair da presumida ignorância e aceder a um outro entendimento.

Antes de prosseguir com a análise desses diálogos na obra *A Cidade das Damas*, apresentaremos, na primeira parte do artigo, aspectos da obra pedagógica da autora ítalo-francesa, Christine de Pizan, em seguida, de forma breve, abordaremos a recepção do pensamento socrático na Idade Média. Na terceira parte, focaremos nossa atenção à obra *A Cidade das Damas*, analisando nela os diálogos como instrumento para se alcançar o conhecimento/verdade, na prática pedagógica que envolve as Damas/mestras e a aprendiz Christine.

## **2. Christine de Pizan (1364-1430/31) e a dimensão pedagógica de suas obras**

Nascida em Veneza, no século XIV, a escritora Cristine de Pizan viveu na Itália até os quatro anos, quando a convite do rei da França, seu pai, Thomas de Pizan, um célebre astrônomo e cientista italiano, se instalou com a família no palácio do Louvre. Este lugar onde abrigava uma das maiores bibliotecas do país, e acolhia um fluxo de renomados intelectuais, cientistas, propiciou uma formação privilegiada à escritora.

Porém, com a morte das três figuras centrais na vida de Pizan: o rei, seu pai e, em seguida seu esposo, ela atravessa um período de grandes dificuldades financeiras, perseguições de credores e vários processos judiciais para conseguir manter os bens

deixados pela família. O abandono social experimentado por sua condição de viúva, desafortunada e só, foi o motor desencadeador de uma longa e profícua carreira literária.

Sozinha aos 25 anos, com 3 filhos, a mãe e uma sobrinha para sustentar - eis a situação que leva Christine a encontrar na Literatura não só um reconforto espiritual, mas sobretudo um meio de sobrevivência. Em alguns anos de dedicação e muito estudo, Pizan conseguiu reconhecimento de seu talento literário pelos pares e tornou-se não só a primeira mulher a viver do ofício de escritora, mas, uma das intelectuais mais importantes do século XV na França. De erudição surpreendente, a escritora deixou um legado importante e variado de baladas, tratados de educação, poemas narrativos, épicos, tratados de paz, tratados em defesa das mulheres etc. Por encomenda do duque de Borgonha, Philippe de Hardi, Pizan escreveu a biografia do rei Carlos V, descrito por ela como o “sábio rei Carlos, amante da sabedoria e de toda as virtudes” (PIZAN, 1977, p. 6-9)<sup>6</sup>.

Deste legado filosófico e literário de Pizan, a educação é indubitavelmente uma das marcas mais relevantes. Suas obras constituíram ademais um importante contraponto ao discurso androcêntrico presentes nos manuais de educação difundidos na Baixa Idade Média. A grande maioria desses tratados dirigia-se aos jovens da alta aristocracia, como atestam alguns títulos mais célebres: *De eruditione filiorum nobilium* (1249), *De educatione liberorum et eorum claris moribus* (1444), de autoria de Vincent de Beauvais e Maffeo Vegio de Lodi, respectivamente. Esses tratados de educação se inserem na tradição dos *Espelhos de Príncipes*, gênero consolidado no século XIII e consideravelmente difundido até o século XVI, cuja preocupação pedagógica sobretudo era a edificação moralizante na arte do bom governar. No entanto, ressalta o pesquisador Márcio Muniz (2001, p. 96) que nas obras fundadoras do gênero, na antiguidade, “o espelho é algumas vezes "modelo", outras vezes, instrumento de auto-conhecimento, outras ainda, caminho de ascese do homem em direção à divindade”.

Os tratados dirigidos mais especificamente às mulheres, nos últimos anos da Idade Média, as desencorajavam de receberem uma educação intelectual, orientando-as ao contrário, a se dedicarem a trabalhos manuais, como costurar, cuidar dos afazeres domésticos, como se observam em *Les quatre temps de l'homme* (Século XIII), de Philippe de Navarre, et em *Del Regimento e costumi di donna* (século XIV), de autoria de Francesco da Barberino. Conforme ressalta Elizabeth Abrantes (2015, p. 237), a partir do estudo de Casagrande e Vecchio, “Do final do século XII até o século XV as palavras dos pregadores ou leigos tornaram-se mais numerosas e insistentes em relação ao controle feminino, visando a elaborar valores e modelos de comportamento para as mulheres [...] Esse discurso normativo tinha como desafio, enquanto projeto educativo, unificar as mulheres em torno de um modelo ético”.

As obras de Pizan que tratam de educação apresentam uma perspectiva contrária aos manuais de seu tempo em relação à relevância do acesso das mulheres à educação.

Uma das primeiras obras da autora, intitulada *L'Épître d'Othea* (1400 e 1401), é construída em forma de uma carta remetida pela deusa da Prudência ao jovem Heitor de Troia, com idade de quinze anos. Os mais de cinquenta manuscritos copiados da epístola durante o século XV atestam a positiva recepção da obra.

Outra obra que merece destaque é *Enseignements et proverbes moraux*, dirigido ao filho de Pizan, Jean Castel e é ilustrada por uma bela miniatura no início do poema, a qual apresentamos a seguir:



Figura 2: « Les enseignemens que je Cristine donne a Jehan de Castel mon filz ». –Manuscrito BNF - Français 836, folha 42

A autora segue, assim, uma tradição de manuais escritos por autores e autoras destinados aos seus filhos ou filhas, que remonta à Antiguidade. Desse repertório, como bem nos lembra a pesquisadora Lucimara Leite (2008, p. 27), “um dos mais conhecidos autores do período é Santo Agostinho (354-430). Professor de Retórica, escreveu *De magistro*, texto que trata especificamente da educação, no qual dialoga com seu filho Deodato”. Merece igualmente destaque o manual de educação em latim, escrito entre os anos 841 a 843 pela nobre dama Duoda, para seu filho primogênito, Guilherme, que tinha idade de dezesseis anos. Seguindo essa tradição, Christine de Pizan elabora seu longo poema em versos com sentenças morais prescritas em 113 estrofes, cuja intenção parece ultrapassar a educação do filho adolescente e alcançar pessoas de todas as idades e condições, como afirma Maurice Roy, na edição das obras poéticas da autora publicada em 1896. Vejamos uma das estrofes do poema (p. 28).

Tant t'estudies a enquerre  
 Que prudence puisses acquerre,  
 Car celle est des vertus la mere  
 Qui chace Fortune amere.  
 (Versos 4-7)

Quanto mais estudas intensamente  
 Mais prudência poderás adquirir  
 Pois ela é a mãe das virtudes  
 Capaz de afugentar a amarga Fortuna<sup>7</sup>.

*Le livre des trois vertus* ou *Le trésor de Christine* foi escrito pela escritora em sequência ao livro *A Cidade das Damas*, ambos do início de 1405. Este livro, dedicado a Marguerite de Bourgogne, foi traduzido para o português em meados do século XV, sob o título *O Livro das três virtudes. A insinuação das Damas*, a pedido da rainha D. Isabel. Em seguida, com a iniciativa de uma outra rainha, D. Leonor, o livro foi



publicado com o título de *O espelho de Cristina*, em 1518. Segundo Mendonça (2013, p.57),

é muito provável que os escritos de Cristina de Pisano chegassem a Portugal ainda em tempo da rainha Filipa de Lencastre, morta em 1415. Se assim aconteceu, sendo um Tratado de moral e bons costumes, foi, certamente de imediato adotado pela Rainha. Se não chegou por essa época, foi pelo menos conhecido depois da infanta Isabel, filha da mesma Rainha e de D. João I, ter casado com o Duque da Borgonha, João, o Bom, em 1430. Ou, na hipótese de alguns, que não comungo, ter vindo com D. Pedro, no seu regresso da viagem pelas sete partidas do mundo, em 1429.

A obra é considerada o primeiro tratado de educação feminina em Portugal e está dividida em 3 partes: o Livro I – Dirigido ao ensinamento das rainhas e princesas, duquesas e grandes senhoras, com 26 capítulos; o Livro II – endereçado ao ensinamento das donas e donzelas que andam nas cortes das princesas bem como para aquelas que moram em suas terras, castelos, vilas e aldeias, com treze capítulos; e o Livro III – dirigido ao ensinamento das mulheres da burguesia, viúvas, virgens e casadas com artesãos, mercadores, as trabalhadoras remuneradas (mulheres de soldado e mulheres do povo, com 14 capítulos.

Como ressalta Crispim, na apresentação da edição mais atual de *O livro das três virtudes*, mesmo preconizando os deveres morais das mulheres, como enunciavam outros manuais de educação daquele contexto, “ao contrário deles, porém, a autora acrescenta algo que sempre tinha ficado esquecido ou esbatido: as injustiças que atingem grande parte das mulheres” (CRISPIM, 2002, p. 18). Essa obra, juntamente com *A Cidade das Damas*, constituem “um conjunto em que, pela primeira vez, está patente uma tomada de posição feminina contra a tradicional imagem da mulher como ser menorizado e desprezado” (CRISPIM, 2002, p. 20).

No conjunto da obra de Christine de Pizan, a questão retórica parece ser a chave de identificação do objetivo fundamental dos escritos, já que pode nos revelar qual o auditório imediato ou a audiência para a qual se destina, em primeiro lugar, o conteúdo de sua *ars scripta*. Não restam dúvidas de que estamos diante de dois auditórios: o das mulheres, que Christine procura resgatar da condição subalterna a que foram forçadas e lhes conceder uma voz social, assim como acessibilidade aos conhecimentos socialmente compartilhados; e o dos clérigos, filósofos, escritores, a fim de persuadi-los a adotar uma outra postura em relação ao gênero feminino, através da argumentação construída a favor das virtudes das mulheres e da denúncia da misoginia existente nos escritos de autoria masculina.

Em relação ao livro de *A Cidade das Damas*, acreditamos que o processo ensino-aprendizagem merece uma especial atenção, na medida em que se apresenta não apenas enquanto temática, mas também como elemento estruturante da narrativa. O diálogo atua não como uma mera conversação, mas no sentido de fazer circular conhecimentos, sentidos diversos, entre os interlocutores, capaz de tecer, a partir dele, relações e promover conhecimento múltiplo e novos saberes. Etimologicamente o termo "Diálogo" deriva da fusão das palavras gregas *dia*, que exprime a noção de “através de”, e *logos*, termo traduzido para o latim como *ratio* (razão), significando "palavra", "expressão", "fala", "verbo" e também "relação", "relacionamento". Buscando uma aproximação dos diálogos estruturantes da narrativa de Pizan com os diálogos socráticos, no tópico a

seguir, faremos alguns apontamentos acerca da filosofia socrática e sua recepção no período medieval.

### 3. Sócrates e seus discípulos na Idade Média

Gregório Medrano, na introdução do livro *Guia para no entender a Socrates (Reconstrucción de la atopia socratica)*, relaciona a raridade de Sócrates, a partir de sua genealogia: “Socrates significa en griego algo asi como el dominio de la sana razon. Su padre, Sofronisco, venia a ser un diminutivo de Sofron, que se puede traducir por prudente, y su madre, supuestamente llamada Fenarete, es la que trae a la luz la virtud, la partera de la virtud” (MEDRANO, 2004, p. 15).

Considerado o pai da filosofia ocidental, Sócrates (470 ou 469 a.C.), ainda que seu legado tenha sobrevivido apenas pelos registros de seus discípulos (Platão, Xenofonte) ou de seus antagonistas (Aristófanes), é uma das raridades da Filosofia. Sem nada ter escrito, sua sabedoria foi reivindicada por todas as escolas filosóficas gregas da Antiguidade e sua influência permaneceu em todos os tempos até os dias atuais.

Provavelmente a questão que desperta mais interesse no pensamento socrático seja o mito da ignorância:

O problema, segundo Sócrates, não estaria em ser ignorante. De fato, todos os seres humanos o somos. A questão principal passa pela relação que temos com a ignorância. Alguns negam, ignoram-na. Esse é o principal defeito, parece querer dizer Sócrates, de um ser humano: ignorar sua ignorância. Tudo se pode ignorar, menos a própria ignorância. Sócrates é o único em Atenas que sabe de sua ignorância, que ignora todas as outras coisas, menos a própria ignorância. O problema principal dos que ignoram a ignorância é que se imiscuem numa relação disfarçada com o saber e com base nessa relação disfarçada com o saber e com base nessa relação se fecham à possibilidade de saber o que de fato ignoram. Encerram toda busca (KOHAN, 2011, p. 68).

Para Sócrates a aquisição do conhecimento se possibilita a partir do reconhecimento de sua própria ignorância e através do método denominado “*maiêutica*”<sup>8</sup>. O princípio da *maiêutica* constitui a prática do diálogo como instrumento capaz de gerar o conhecimento do aprendiz. Tal prática, metaforicamente associada ao trabalho da parteira, profissão da mãe do filósofo, Fenareta, consiste no auxílio da figura do filósofo (mestre) ao discípulo no processo de parir o conhecimento.

Segundo José Américo Motta Pessanha (1987, p. 27), na introdução da edição brasileira dos diálogos de Platão da coleção *Os pensadores*:

Sócrates, que se dizia ele mesmo estéril — pois só sabia que nada sabia —, procurava auxiliar as pessoas noutra forma de concepção, a das idéias próprias: forma de se ir ao encontro de si mesmo — como prescrevia a inscrição do templo de Delfos — e de fazer de si mesmo seu próprio ponto de partida. Em algumas afirmativas que lhe são atribuídas, Sócrates compara-se aos médicos: como estes, ele submetia, quando necessário, o interlocutor-paciente à purgação da ironia, condição preliminar para a recuperação da saúde da alma, que seria o conhecimento de si mesma. E, na verdade, o sentido da filosofia — que ele identificava com sua sagrada missão — era o

de conduzir o indivíduo a pensar como quem se cura: pensando palavras como quem pensa feridas.

No diálogo com Teeteto, registrado por Platão (2001, p. 184), Sócrates adverte:

Já te esqueceste, amigo, que eu não só não conheço nada disso como não presumo conhecer? Nesses assuntos sou estéril a conta inteira. O que faço é ajudar-te no trabalho do parto; daí, recorrer a encantamentos e oferecer ao teu paladar as opiniões dos sábios, até que, com o meu auxílio, venha à luz tua própria opinião.

Os diálogos socráticos se configuram como um exercício de autoconhecimento (conhece-te a ti mesmo), rompendo, dessa forma, as fronteiras entre mestre e aprendiz, educador/a e educando/a. Observa-se a permanência viva dessa forma de diálogo heurístico em contextos educacionais desde a Antiguidade Clássica e, até nossos dias, o ensino socrático assume o protagonismo em diversas correntes pedagógicas.

O pesquisador Marcelo de Oliveira Maia (2008), por exemplo, desenvolveu um estudo comparativo das bases filosóficas que fundamentam a prática pedagógica de Sócrates e Paulo Freire. Já Walter Kohan, no livro *Sócrates e a educação*, analisa o pensamento político do ateniense a partir da leitura de vários filósofos, como Kierkegaard, Foucault, Nietzsche, Rancière e Derrida e faz a seguinte reflexão: “Com Sócrates, a filosofia nasce como uma forma de vida em situação educacional. Para o ateniense, filosofar é viver interrogando-se a si e aos seus semelhantes [...]. Sem essa dimensão pedagógica, a filosofia não tem sentido” (2011, p. 144).

Neste ponto é que se revela qual o auditório amplo pressuposto na *ars scripta* de Christine de Pizan. Se assim como os homens de letras e das ciências, as destinatárias primeiras e mais óbvias são as próprias mulheres, que, ao fim e ao cabo, Christine de Pizan quer transformar em sujeitas com direitos na rede de relações sociais medievais, existe também a audiência mais ampla e oculta. Essa pode ser identificada como o todo das sociedades medievais, já que o antagonista retórico a combater é o próprio *ethos* de misoginia que percorre a maior parte das manifestações intelectuais na Idade Média. A Retórica vai ser, assim, o lugar de memória em que está em jogo o papel social da mulher e a forma como a mesma é definida e considerada pelo todo das sociedades medievais.

Em relação ao período medieval, contexto histórico da obra *A Cidade das Damas*, a figura de Sócrates foi recorrentemente citada por pensadores, podendo-se falar em um socratismo cristão que se construiu nos primeiros séculos da Idade Média, a partir de fragmentos de textos gregos de Platão que circulavam na Europa medieval antes das traduções latinas. De acordo com Gregório Medrano (2004, p. 184), as primeiras traduções de Platão para o latim datam do século XII, entre 1150 a 1160. Trata-se das obras *Menon* e *Fedon*, traduzidas por Enrique Aristipo. No entanto, fragmentos de traduções indiretas circulavam desde épocas mais remotas. No livro *Guia para no entender a Sócrates*, o pesquisador espanhol Medrano fez o levantamento dos principais fragmentos conhecidos no período e a indicação dos pensadores intermediários:

Alcibiades (Nemésio);

Apologia (Calcídio, Cícero);

Banquete (Calcídio, Macróbio);

Cratilo (Calcídio, Macróbio);  
Critias (Calcídio);  
Criton (Calcídio);  
Górgias (Cícero, Macróbio, Sêneca);  
Leis (Calcídio, Macróbio, Sêneca, Cícero);  
Menexeno (Cícero);  
Parmênides (Calcídio);  
Fedon (Apuleio, Calcídio, Nemésio, Macróbio, Cícero);  
Político (Calcídio);  
Protágoras (Nemésio, Sêneca);  
República (Calcídio, Cícero, Macróbio);  
Sofista (Calcídio),  
Teeteto (Calcídio);  
Timeo (Marciano Capela, Macróbio, Boécio, Sêneca).

Medrano (2004, p. 186) ressalta que entre os comentadores, quatro filósofos tiveram um papel mais relevante na disseminação do socratismo cristão, são eles: “Ciceron, Agustin de Hipona (cuya fuente es normalmente Ciceron), Seneca y el Apuleyo del *De Deo Socratis y De Platone et eius dogmate*.”

A partir dessas colocações, podemos confirmar a presença direta ou indireta de textos de Platão entre as leituras de Christine de Pizan, na medida em que entre esses principais comentadores do pensamento socrático estão alguns dos autores mais citados pela escritora. Passemos agora à terceira parte do artigo, a qual, como anunciado, corresponde à aproximação dos diálogos de Pizan na obra *A Cidade das Damas*, com a arte da maiêutica de Sócrates.

#### **4. Diálogo como processo educativo via ao (auto) conhecimento em *A Cidade das Damas***

O reconhecimento da própria ignorância, a humildade do ser é uma marca recorrente no conjunto da obra de Christine de Pizan. Essa característica também pode ser interpretada como estratégia retórica nos escritos de autoria feminina desse período. Uma forma das escritoras se afirmarem como *clergesses*<sup>9</sup>, sem afrontarem diretamente o universo da escrita, pretensamente exclusividade masculina com o fechamento das portas das Universidades às mulheres, a partir do século XIII.

No primeiro capítulo do *Livro da Cidade das Damas*, a fala da protagonista expõe tal reconhecimento de ignorância, antes da chegada das Damas/mestras, como vemos a seguir:

Com minha mente fraca, não aprendi e não conheço a arte e as medidas, e ignoro o estudo teórico e a prática de construir. Mesmo admitindo que consiga estudar e aprender todas essas coisas, como encontrar, nesse corpo frágil de mulher, a força de empreender uma tal obra?

Livro II – Capt I

A mulher é realmente um ser abominável e desprezível! Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Não consigo reconhecer esses vários defeitos em mim nem nas demais mulheres, mas há de ser verdade tudo isso, pois são tantos homens sábios, cientistas ilustres, filósofos que maldizem as mulheres em seus tratados, poemas, que não devo ter dúvida!! Que vergonha!

Livro I – Capt I

O diálogo com as damas restabelecerá, portanto, o conhecimento da verdade que a própria aprendiz já carregava em si, mas necessitava do auxílio de mestras-parteiras no seu trabalho de parto. Falamos de reconhecimento porque, de acordo com a fala das mestras Razão, Retidão e Justiça, muitos dos argumentos sobre a questão das virtudes femininas já haviam sido discutidos em obras anteriores da autora, como o *Épître au Dieu d'Amour*, obra que deu início à famosa *Querelle des Femmes*<sup>10</sup>. Vejamos:

“Como tu mesma escreveste em outra obra» (Livro I – CAP. XXXIV);”  
“como tu mesma lembraste no *Livre d'Othéa*” (Livro I – cap. XXXVII);  
“Prudência, como tu mesma já havias dito, consiste em ter um julgamento e saber pesar as coisas que pretendemos empreender e saber levá-las a cabo” (Livro II, Capt. XLVI).

Na arte maiêutica, Sócrates estabelece duas etapas necessárias no processo de parição: a indução à dúvida acerca de um determinado conhecimento e estímulo a pensar a partir do seu próprio conhecimento e experiência.

Em *A Cidade das Damas* é possível perceber o papel pedagógico da escritora na relação estabelecida entre a/o aprendiz e a/o mestre/a. A discípula Christine apresenta uma ativa participação no diálogo com as mestras. Ela as interpela, as questiona, pede mais exemplos. As damas alegóricas, por sua vez, mostram-se sempre atentas a suas dúvidas, como observamos no trecho a seguir: “Cara Christine, pergunte-me tudo que desejares, pois o mestre não deve repreender o aprendiz ávido de saber, por suas inúmeras questões” (*La Cité*, p. 211). Também a incitam a resolver suas questões, baseando-se não apenas em leituras dos livros, mas também na leitura de mundo, ou seja, por sua própria experiência, seu saber empírico, obtendo seus próprios julgamentos “Minha cara criança, o que aconteceu com teu bom senso?” Chama a atenção de Christina, a dama Razão:

**Razão:** Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar. Ficamos muito comovidas com teu desespero e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só

conheces através da pluralidade de opiniões alheias. Bela filha, o que aconteceu com teu bom senso?

Cap. II – Livro I

A personagem alegórica Razão ensina ainda a não acreditar em um saber absoluto da parte das grandes autoridades, pois a falha, o erro faz parte do humano:

**Razão:** “[...] mesmo os maiores filósofos, [...] não conseguiram distinguir o certo do errado, se contradizem e criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta, igualmente, as opiniões de Platão e de outros filósofos, citando-os. E presta atenção, ainda, porque Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles [...] Ora, parece que acreditas que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé, e que eles não podem se enganar.

Cap. II – Livro I

O papel dialético da aprendizagem é um outro traço ressaltado nos ensinamentos de Sócrates. Indiretamente sabemos dessa ênfase socrática por Platão, que, segundo Luc Brisson:

[...] defende uma doutrina filosófica que se caracteriza por uma dupla subversão. Primeira: as coisas percebidas pelos sentidos, no meio das quais vivemos, são somente imagens, imagens de realidade inteligíveis separadas ou Formas, que são os modelos das coisas sensíveis e constituem a realidade verdadeira; diferentemente das coisas sensíveis, as Formas possuem em si seu próprio princípio de existência. Segunda subversão: o homem não se reduz a seu corpo, e sua verdadeira identidade coincide com o que designamos com o termo “alma”. Este último dá conta não somente no homem, mas também no universo, de todo o movimento material (crescimento, locomoção, etc.) ou imaterial (sentimentos, percepção sensível, conhecimento intelectual, etc.). Foi esta dupla subversão que, ao longo de toda a história da Filosofia, permitiu definir a especificidade do platonismo, e aquilo que dá conta das posições de Platão no domínio da epistemologia, da ética e da política (BRISSEON, 2016, p. 32-33)

A passagem do corpo à alma, como também acontece com a maiêutica socrática, tem no diálogo seu instrumento privilegiado. Se compararmos tal pensamento com o método escolástico, nascido com as Universidades, percebemos o distanciamento da obra de Pizan no que diz respeito à prática do diálogo. Na lição escolástica, apesar de apresentar um esquema lógico-linguístico da “*quaestio*”, o interlocutor imaginado pelo mestre “não colabora com ele em sua pesquisa”, como aponta o historiador Franco Alessio, no verbete Escolástica, do *Dicionário temático do ocidente medieval* (2006, p. 372). O esquema, descrito pelo pesquisador, apresenta seis fases sucessivas “no curso das quais o escolástico trava um duelo com um interlocutor ideal.”, as quais resumimos da seguinte forma:

1. **Mestre** propõe a matéria para discussão a partir do texto de um autor (*actor*)
2. **Interlocutor imaginário** apresenta uma lista de argumentos contrários

3. **Mestre** enuncia a “*sententia magistralis*”

4. **Mestre** apresenta argumentos para defender sua tese

5. **Mestre** desenvolve os argumentos da tese

6. **Mestre** retoma pela ordem as objeções do interlocutor e as refuta (*responsio ad objectiones*)

Sobre a figura do interlocutor, Alessio (2006, p. 372) argumenta que “só é invocado para ser exorcizado, é uma figura tenebrosa, surgida no fundo obscuro de onde nascem as dúvidas que se insinuam na leitura e que dão um sentido inautêntico e desviante ao texto da “autoridade”. O diálogo, na perspectiva socrática, apresenta-se de forma bem distinta, na medida em que corresponde ao caminho platônico do diálogo, já traçado pelas considerações de Luc Brisson.

Se o acesso à educação formal continua ainda hoje desigual entre os sexos em alguns países, no período medieval em que viveu Pizan, tal diferença era muito acentuada, uma vez que com o surgimento das instituições universitárias, no século XIII, as mulheres foram afastadas do ensino institucional. O estudo de Claudia Optiz (1990, p. 398) assinala o declínio da situação das mulheres na educação, no final da Idade Média. Se, no final do século XIII e início do XIV, existiam ainda escolas mistas e um número considerado de professoras e diretoras de escolas, em meados do século XIV, foi decretada a separação entre os gêneros.<sup>11</sup> Esta separação implica, claro, uma distância entre o conhecimento masculino e o feminino, que muitas vezes era interpretada como questão da própria natureza debilitada do gênero feminino, pensamento recorrente no discurso literário, científico e teológico predominante das teorias aristotélicas difundidas na época. Em *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan manifesta seu desacordo sobre essa questão, em várias passagens, através de uma voz autorizada, a das alegorias. Em uma delas, dama Razão argumenta:

Filha, por tudo que te disse anteriormente, podes saber que é completamente o contrário de tal opinião, e para te provar, com maior clareza, citar-te-ei alguns exemplos. Vou repetir, e não duvides do contrário, pois, se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências, tão perfeitamente quanto eles.

Cap. XVII – Livro I

### Considerações finais

Ao propor uma leitura de *A Cidade das Damas*, a partir da arte maiêutica, praticada por Sócrates, não pretendemos buscar estabelecer uma influência direta do pensamento socrático em Christine de Pizan. No entanto, como vimos, é possível estabelecer pontos de convergência dos dois filósofos no que concerne à utilização do diálogo como prática pedagógica. Podemos igualmente averiguar o conhecimento de Pizan acerca de Sócrates, referido em sua obra de forma positiva, como “eminente filósofo”, ressaltando a “superioridade de sua inteligência, sua força, sua virtude e sua firmeza”. Virtudes que, segundo narra Dama Retidão, fizeram sua mulher Xantipe

admirá-lo até a morte. No capítulo XXI, do Livro II, Retidão narra a reação de Xantipe ao tomar conhecimento da condenação de Sócrates:

Quando essa mulher corajosa ficou sabendo que os Atenienses haviam condenado seu marido à morte, por tê-los reprovado por adorar ídolos, já que existia apenas um deus a quem deveríamos adorar e servir, ela não pôde suportar a notícia: toda encharcada de lágrimas e em prantos, dirigiu-se ao palácio, batendo no peito de dor, onde haviam prendido seu marido. Ela o encontrou no meio daqueles juízes indignos, que já lhe haviam dado o veneno que iria abreviar seus dias. Ela chegou no momento em que Sócrates levava o cálice aos lábios. Precipitou-se até ele e arrancou-lhe o cálice das mãos, derrubando tudo no chão”. Sócrates a reprovou por isso, encorajando-a e a consolando. Como ela não podia impedir sua morte, começou a lamentar-se forte, dizendo: “Ah! que desgraça e que grande perda fazer morrer, injustamente, um homem tão justo!” Mas, Sócrates a consolou mais, dizendo que é melhor morrer vítima de injustiça do que por algo justo. Assim, foi, então, seu fim. Mas, nunca teve fim, durante toda a vida, o luto no coração daquela que o amava.

Como foi possível observar, é visível na extensa obra de Pizan a presença de mestras/parteiras, desempenhando o papel de condutoras, de intermediárias do saber. Além das obras citadas *Le Livre des trois vertus* e *Le Livre de la Cité des Dames*, nas quais figuram as Damas alegóricas Razão, Retidão e Justiça, também em *Sur le chemin de longue étude*, poema alegórico que data de 1402, a figura da Sibila de Cumes, aparece ocupando a função de guia/mestra que levará a personagem Christine ao plano celestial ao percorrer seu caminho prazeroso de longos estudos e férteis conhecimentos. No prefácio da edição bilíngue desse poema alegórico para o francês atual, a tradutora Andrea Tarnourski (2000, p. 36) observa: «o objetivo não é guiar Christine para mostrá-lhe coisas que ela ignora; elas vêm, ao contrário, para que sua protegida reflita sobre o que ela já sabe»<sup>12</sup>.

Por último, ressaltamos as significativas metáforas da fertilidade relacionadas ao processo de conhecimento empregadas no *Livre da Cité des Dames*: “vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali”, como lemos no trecho da epígrafe. Ou ainda: “Levanta-te, filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada de tua inteligência e cava bem.”

Tais metáforas podem sugerir o desejo da autora de pôr em evidência um elemento característico da natureza feminina, a capacidade de gestação, tanto de um outro ser, quanto de gerar conhecimento. Neste sentido há claramente uma busca pela divulgação do saber das mulheres, o grande legado da obra de Pizan. Ao colocar personagens femininas não apenas como aprendizes, mas como mestras, a autora reforça seu entendimento de que não há diferença natural em relação à capacidade intelectual entre os sexos, dando uma resposta à cultura androcêntrica, que da Antiguidade perdurou no Medievo. Resposta, inclusive, ao próprio filósofo Sócrates, quando este afirma:



A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto.

Na esteira dos dois filósofos, Sócrates e Christine de Pizan, e seus legados na prática pedagógica, seguimos buscando, em contextos educacionais, compartilhar seus ensinamentos e com eles auxiliar interlocutores/interlocutoras no trabalho de parto de novos conhecimentos no cotidiano de sala de aula, enquanto educadores/educadoras. Com esse propósito, acreditamos dar vazão ao desejo utópico de Pizan, expresso no último capítulo do *Livro das três virtudes* (2002, p. 309)

Será assoelhada, espargida e publicada em todas as terras. Como quer que ela seja em língua francesa – mais é comua pelo uniuerso mundo que qualquer outra – nem fica por tanto vaga e nom proveitos nossa dita obra que durará em o segre, sem descaimento, per diversos trelados. Desí, a veerom e ouvirom muitas valentes Senhoras e molheres d’autoridade, em no tempo presente e em no que é por viinr, que rogarom a Deus por sua servidor Cristina, desejando que de seu tempo fosse sua vida em no segre, em o qual ver a possam, aas quaaes todas praza que, em tanto que no mundo for viva, a queirom haver em graça e memoria [...].

Dessa forma, em nossas práticas cotidiana, acreditamos colher de Sócrates, a importância do diálogo, de Pizan, seu legado profeminista em enfatizar a importância da contribuição feminina ao longo da história, em vários campos do saber, inclusive na Filosofia e na Retórica.

## Referências

### Fontes:

*Defesa de Sócrates / Platão. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates ; Apologia de Sócrates / Xenofonte. As nuvens / Aristófanes* ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; traduções de Jaime Bruna, Libero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. 4ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PIZAN, Christine. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PIZAN, Christine. **La Città delle Dame**, introd., trad. e commento a cura di P. Caraffi, testo originale a fronte a cura di E. J. Richards, Roma, Carocci, 2018 (8ª edizione).

PIZAN, Christine. **Le Livre de la Cité des Dames**. Brussels, Bibliothèque Royale, Ms. 9235.

### Estudos

ABRANTES, Elizabeth. “Damas bem dotadas”: educação e identidade feminina na Baixa Idade Média. In: ZIERER, Adriana, VIEIRA, Ana Livia, ABRANTES, Elizabeth (org.) **História Antiga e Medieval. Sonhos, mitos e heróis: memória e identidade**. São Luis: EDUEMA, 2015, v. 5, p. 233-242.

- ADAMS, Tracy. État Present. Christine de Pisan. **French Studies**, Vol. LXXI, No. 3, 388–400; doi:10.1093/fs/knx129, 2020.
- ALESSIO, Franco. « Escolástica ». In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude.(org.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusc, 2006. p.367-382.
- ALTMANN, Barbara K.; McGRADY, Deborah L. **Christine de Pizan: A Casebook**. New York: Routledge, 2003.
- AMOR, Lidia; Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en Le chemin de longue étude de Christine de Pizan. Universidad Complutense de Madrid. Facultad de Geografía e Historia. Departamento de Historia del Arte I (Medieval). Colectivo para el Análisis Pluridisciplinar de la Iconografía religiosa Europea. **De Medio Aevo**; n. 1; 1; 3-2013; 145-158.
- AMOR, Lidia. Christine de Pizan: la erudición en clave femenina. Dossier “Aproximaciones a la figura de Christine de Pizan”. Revista **Exlibris**, Número 8, p. 14-38, Diciembre 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet. 4.ed. São Paulo: Edição Européia do Livro, 1970.
- BELL, Susan Groag « Christine de Pizan in her study », **Cahiers de recherches médiévales et humanistes**, [Online], Christine de Pizan Studies, 2008. <http://journals.openedition.org/crm/3212>
- BRISSON, Luc. “Platão”. In: PRADEAU, Jean-François (org.). *História da Filosofia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- BROCHADO, Cláudia. A *querelle des femmes* e a política sexual na Idade Média. **Brathair**. São Luís: (UEMA), v. 19, n. 2, p. 63-91, 2019.
- Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2278>
- Acesso em : 02/07/2020.
- BROCHADO, Cláudia; DEPLAGNE, Luciana Calado (Orgs.). **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.
- CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan – estudo e tradução. 371 f. Tese. Doutorado em Letras. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.
- CALADO DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas. Vozes femininas na Idade Média: auto-representação, corpo e relações de gênero. **Fazendo Gênero** 8 – corpo, violência e poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. p. 1-8.
- CALADO DEPLAGNE, Luciana. Saboreando o saber: a aventura intelectual de Christine de Pizan em seu Caminho de longo estudo. 2007. **Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário internacional Mulher e Literatura**. Disponível em <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/LUCIANA%20ELEONORA%20DE%20FREITAS%20CALADO.pdf> acesso em 25 fev 2020.

- CALADO DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas. A reescrita do mito das Amazonas na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. **Anuário de Literatura**. Florianópolis, (UFSC), v. 18, n. esp. 1, p. 115-136, 2013.
- CALADO DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas (Org.). **As Intelectuais na Idade Média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: UFPB, 2015.
- CALADO DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média. **Revista Signum**, 2019, v. 20, n. 2.
- CALADO DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Ironia e suversão em duas utopias profeministas: "A cidade das damas" e "O sonho da Sultana". In: Ildney Cavalcanti, Ana Cláudia Aymoré Martins, Marcus Vinicius Matias, Felipe Banício. (Org.). **Trânsitos utópicos**. Maceió: Edufal, 2019, p. 95-114.
- CARAFFI, Patrizia. **Christine de Pizan: una città per sé**, Roma: Carocci, 2003.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3ªed. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. De Eva às damas de Christine de Pizan: desconstruindo a imagem da mulher na Idade Média. **Graphos**, v. 22, n. 2, p. 121-139, 2020.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *La Cité des Dames* e o triunfo das mulheres de Christine de Pizan: aspectos de uma cidade feminina fundada na demolição do legado da misoginia medieval. **Revista Ártemis**, v. 30, n. 1; jul-dez, p. 13-24, 2020b.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Misoginia e retórica teologizadora da aparência feminina na Idade Média: o depoimento ascético do *De cultu feminarum*, de Tertuliano. **Mirabilia**, v. 17, jul.-dez, p. 442-466, 2013.
- FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Christine de Pizan e *Le livre de la cité des dames*: pontos de releitura da visão tradicional da mulher. **Revista Cerrados**, v. 20, n. 32, 2011.
- KARAWEJCZYK, Mônica. Christine de Pisan: uma feminista no medievo?!. **Historiae** (impresso), v. 8, p. 189-203, 2017.
- KARAWEJCZYK, Mônica. "Indivíduo" na Idade Média?! Um Estudo de Caso: a obra "O Espelho de Cristina", Christine de Pisan. **História, Imagem e Narrativas**, v. 4, p. 148-164, 2007.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990.
- KOHAN, Walter Omar. **Sócrates e a educação. O enigma da filosofia**. Trad. Ingrid Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.
- KULKAMP, Camila. A Atualidade da obra "A Cidade das Damas": identidades e estratégias políticas. **Revista Ideação**, n. 42, p. 318-331, Julho/Dezembro 2020.
- JOURDAIN, Charles. Mémoire sur l'éducation des femmes au Moyen Âge. In: **Mémoires de l'Institut national de France**, tome 28, 1<sup>e</sup> partie, 1874, pp. 79-133.

- LAIGLE, Mathilde(éd.). **Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire**. Paris, Honoré Champion, 1912.
- LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Tese. Doutorado em Letras. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- LEITE, Lucimara. Edição Semidiplomática do livro *O Espelho de Cristina*. São Paulo: **Arquivos do NEHiLP/FFLCH/USP**, n. 18, 2019. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/395/348/1417-1>  
Acesso em 20/06/2020.
- LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência**. Lisboa: Chiado, 2015.
- LEITE, Lucimara. Christine de Pizan e seu projeto utópico. **Revista Morus**, v. 13, p. 113-206, 2018.
- LEITE, Lucimara. Transcrição do livro *O Espelho de Cristina: uma pequena amostra*. Revista **Signum**, v. 15, n. 1, p. 150-174, 2014.
- LEITE, Lucimara. Pontos comuns entre os textos de Christine de Pizan e “Le Mesnagier de Paris”. Revista **Signum**, v. 12, n. 2, 2012.
- MEDRANO, Gregorio Luri. **Guía para no entender a Sócrates. Reconstrucción de la atopía socrática**. Madrid: Trotta, 2004.
- MENDONÇA, Manuela. O Espelho de Christina (Séc. XV). **Hist. R.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 53-68, jan.-jun. 2013.
- MUNIZ, Márcio. "O leal conselheiro" e a tradição do espelho de príncipe: considerações sobre o gênero. In: **Actas del IX Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval**. A Coruña, 18-22 de septiembre de 2001 / coord. por Mercedes Pampín Barral, Carmen Parrilla García, Vol. 2, 2005, ISBN 84-96259-74-9, p. 89-104
- MUZZARELLI, Maria Giuseppina. *Cristina da Pizzano. Una italiana en la corte de Francia*. In: **Christine de Pizan, intellettuale e donna**. Bologna: Il Mulino, 2017.
- NASCIMENTO, Gizelda Ferreira do. **Uma análise da educação feminina em O Livro das Três Virtudes a insinuação das Damas de Christine de Pizan**. Dissertação. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. **Revista Gênero & Direito** (1), p. 68-85, 2013.
- OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.) **História das mulheres: a Idade Média**. São Paulo: Afrontamento, 1990.
- PERNOUD, Régine. **Cristina de Pizan**. Barcelona: José J. de Olañeta Ed., 2000.
- PESSANHA, José Américo Motta. Introdução. **Defesa de Sócrates /Platão. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates; Apologia de Sócrates/Xenofonte. As nuvens/ Aristófanes**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Jaime Bruna, Libero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. 4ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

- PIZAN, Christine. **Le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V.** éd. S. Solente. 2 vol. Paris: Réimpr. Genève, 1977, t.1, p. 6-9.
- PIZAN, Christine. **Livro das três vertudes a insinança das damas.** (1447-1455). Ed. crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- RIBEIRO, Nathalya Bezerra. **Traduzindo le ditié de Jeanne D'arc de Christine de Pizan: uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média** Dissertação. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. O Ideal Moralizante em Christine de Pizan: uma análise da *Cidade das Damas*. IX Semana de História Política: Política, Conflitos e Identidades na Modernidade VI Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade. **Anais**. Rio de Janeiro: PPGH/UERJ, 2014, p. 386-396.
- SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. **A construção das ideias de moral e normativa feminina em Christine de Pizan e sua leitura pela dinastia de Avis: uma análise em perspectiva comparada.** Tese. Doutorado em História Comparada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- SATLER, Janyne. Uma questão de forma: lições metodológicas com Martha, Cora e Christine. In: Ana Rieger Schmidt; Gisele Dalva Secco; Inara Zanuzzi. (Org.). **Vozes Femininas na Filosofia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 143-169.
- SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan contra os Filósofos. In: Schmidt, Ana R.; Zanuzzi, Inara; Secco, Gisele (Org.). **Vozes Femininas na Filosofia**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2018, p. 15-38.
- SOLENTÉ, Suzanne. A propos d'un livre récent sur Christine de Pisan. In: **Revue belge de philologie et d'histoire**, tome 8, fasc. 1, 1929, p. 350-359.
- TREVISAN, Mariana Bonat. A guarda da esposa e a obediência ao marido: a reciprocidade dos deveres conjugais masculinos e femininos nos tratados do rei D. Duarte e de Christine de Pisan (séc. XV). **Revista Diálogos Mediterrânicos**. Curitiba, (UFPR), n. 11, p. 194-214, Dezembro 2016.
- UMBACH, Andrea Quilian de Vargas Rosani Ketzer. A cidade das damas no campo moveção da literatura comparada e dos estudos feministas. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 51, p. 203-220, dezembro de 2015.
- VIENNOT, Éliane. Les intellectuelles de la Renaissance: enjeux et conflits d'une émergence. In: RACINE, N.; TEBITSCH, M.(org.). **Intellectuelles: du genre en histoire des intellectuels**. Bruxelle: Éditions complexes, 2004, pp. 43-46.
- WUENSCH, Ana Miriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar. **Graphos** (João Pessoa), v. 15, p. 1-12, 2013.
- WUENSCH, Ana Miriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar. In: Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. (Org.). **As Intelectuais na Idade Média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: UFPB, 2015, v. 1, p. 69-104.
- WUENSCH, Ana Miriam, A cidade-mundo de Christine de Pizan. In: BROCHADO, Cláudia; DEPLAGNE, Luciana Calado. (Org.). **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018, p. 112-131.

WILLARD, Ch. C. **Christine de Pizan, Her Life and Works**, New York, Persea Books, 1984.

### Biografias e verbetes sobre Cristine de Pizan

CALADO DEPLAGNE, Luciana. Christine Pizan. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

CALADO DEPLAGNE, Luciana. Christine de Pizan. In: SOUZA, Guilherme Queiroz de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). **Dicionário: cem fragmentos biográficos. A idade média em trajetórias**. Goiânia: Tempestiva, 2020, p. 565-570.

Schmidt, Ana Rieger. Christine de Pizan. Edição eletrônica

URL: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>

ISSN: 2526-6187 *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, V. 6 N. 3, 2020, p. 1-15.

PINET, Marie Josèphe. **Christine de Pizan, 1364–1430, étude biographique et littéraire**. Paris: Champion, 1927, 463 p.

ROY, Maurice.(éd.), **Œuvres poétiques de Christine de Pizan**. Paris : Firmin-Didot, 1886-1896.

SOLENTE, Suzanne Solente. “Christine de Pizan”. **Histoire littéraire de la France**. Paris: Imprimerie Nationale, 1974, 40, p. 382–84

THOMASSY, Raymond. **Essai sur les écrits politiques de Christine de Pizan: suivi d'une notice littéraire et de pièces inédites**. Paris: Debécourt, 1838.

WILLARD, Charity Cannon. **Christine de Pizan: Her Life and Works**, New York: Persea Books, 1984.

### Sitografia sobre Christine de Pizan

*International Christine de Pizan Society – North American Branch*

<https://christinedepizan.org/>

*Société internationale Christine de Pizan – Branche européenne*

<https://societechristinedepizan.wordpress.com/>

---

<sup>1</sup> “Mais comme il serait trop long de rappeler ici tout ce qu’ils ont dit à sa louange, il nous suffira d’un seul témoignage plus moderne, et surtout plus compétent ; car il appartient à l’un de nos meilleurs critiques, au fameux bibliographe Gabriel Naudé ”.

<sup>2</sup> É sabido que desde os séculos XV e XVI, obras da autora já haviam sido traduzidas para inglês (*Le Livre de la Cité des Dames*, *Le Livre des fais d’armes et chevalerie*, *Les enseignements moraux*), para o holandês (*La Cité des Dames*), para o português (*Le Livre des Trois Vertus*) e, com o surgimento da imprensa, em várias territórios além da França, seus manuscritos foram alguns dos primeiros livros impressos.

<sup>3</sup> Duas edições são conhecidas de *A Cidade das Damas*, uma em 1974, na University of Hamburg, e outra em 1975, na Vanderbilt University. Quanto às traduções, foi publicada em 1982, a tradução para inglês moderno, por E. J. Richards; em 1986, a tradução para o francês moderno, por T. Moreau e E. Hicks; no

---

mesmo ano, a tradução para o alemão, por M. Zimmermann; em 1990, a tradução para o catalão, por Mercé Otero i Vidal; em 1995, a tradução espanhola, por Marie-José Lemarchand; e em 1999, a tradução para o italiano, por Patrizia Caraffi.

<sup>4</sup> Além dos trabalhos no Brasil, também citamos outros estudos importantes no exterior, como Altman (2003), Pernoud (2000), Muzarelli (2017), Amor (2013, 2019), entre outros (cf. bibliografia).

<sup>5</sup> Utilizaremos neste artigo a tradução brasileira de *Le Livre de la Cité des Dames* de nossa autoria. PIZAN, Christine. *A Cidade das Damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

<sup>6</sup> “*le sage roy Charles, ameur de sapiece et toute vertu*”.

<sup>7</sup> Tradução livre nossa.

<sup>8</sup> De acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa, maiêutica designa “o processo utilizado por Sócrates para ajudar a pessoa a trazer ao nível da consciência as concepções latentes em sua mente. (Didát.) método que possibilita a reflexão intelectual. Do grego maieitiké (techné), fem. De maieutikós, relativo ao parto” (CUNHA, 2007, p. 490).

<sup>9</sup> Feminino de “*cler*” (clérigo): mulher sábia, letrada.

<sup>10</sup> Sobre a *Querelle des femmes*, cf: BROCHADO, Cláudia. A querelle des femmes e a política sexual na Idade Média. In: BRATHAIR. São Luís (UEMA), [v. 19, n. 2 \(2019\)](#), p. 63-91.

<sup>11</sup> Em relação à educação feminina no século XV, ver OPITZ, Claudia. “Contraintes et libertés” In: DUBY, G., PERROT, M. (org.) *Histoire des Femmes en Occident*. II. Le Moyen Âge. Sob a direção de Christiane Klapisch-Zuber. Paris: Perrin, 2002, p. 343-417 .

<sup>12</sup> « Mais leur but n’est pas de guider Christine pour lui montrer des choses qu’elle ignore ; elles viennent, au contraire, pour faire réfléchir leur protégée à ce qu’elle sait déjà. »